

Por que a psicanálise, hoje?

Vera Lúcia Veiga Santana

A descoberta freudiana do inconsciente, que naquela época deixou a comunidade médica e científica perplexa e surpresa, deu-se através dos seus efeitos sintomáticos sobre o corpo biológico, precisamente sobre o corpo do sujeito feminino, sobre o corpo da histérica. A esse desarranjo do corpo e/ou do pensamento que provoca mal-estar no sujeito, a psicanálise denominou de sintoma.

A psicanálise parte da lei do inconsciente que surpreende o homem e o deixa desarmado com um sentido desconhecido. Ela opera sobre o sujeito que se deixa tocar pelos efeitos do inconsciente, pela sua irrupção inesperada, pela desarmonia que isso lhe provoca.

Hoje, em pleno século XXI, a psicanálise não desconhece e nem negligencia as formações do inconsciente freudiano, apenas visa renovar o sentido do sintoma para estar de acordo com a subjetividade da época.

Para a psicanálise não há sujeito sem sintoma, e os sintomas inconscientes que afetam o sujeito produzindo mal-estar, surgem, frequentemente, de modo inopinado, não esperam pela melhor hora.

A psicanálise é uma experiência de discurso que visa levar o sujeito a sair daquilo que o faz sofrer, para alcançar o bem-dizer da ética do desejo.

O laço entre analisante e analista escapa da pertinência estritamente terapêutica, razão pela qual, em 1954, Lacan retira a palavra *tratamento* da prática psicanalítica e a substitui pelo termo experiência subjetiva.

Antes de Lacan, a psicanálise estava desdobrada entre experiência como terapêutica, como tratamento, com a

finalidade de cura e experiência como didática, como pedagogia, com a finalidade de formação¹.

Com Lacan a psicanálise reunifica essas duas vertentes da prática analítica, e a palavra *experiência* qualifica um processo único de tratamento e formação.

Hoje, Jacques-Alain Miller reavalia o uso desses termos - terapêutica e didática - e diz que são inadequados para dizer do que se trata, pois os efeitos de tratamento e o pedagógico que se desprendem da psicanálise não se cristalizam nem na cura e nem na formação. A sua prática comporta outras consequências que convergem sobre a fantasia do sujeito que se analisa e que se sedimenta no Passe. Esse dispositivo analítico permite ao sujeito discorrer sobre o seu final de análise, mostrando os impasses e as soluções que ele encontrou no decorrer do processo e as mudanças acarretadas e lidas pelo próprio sujeito nesse percurso, designado inicialmente por Lacan como: "travessia de um impasse constitutivo do sujeito"².

A psicanálise se interessa pelo sujeito como efeito do significante, o sujeito que surge como desejante nas entrelinhas das palavras, e não pelo ser da filosofia, pelo ser pensante, mas é somente quando o pensamento se vincula com a palavra que se funda o ser do sujeito como essência.

Portanto, o ser do sujeito na sua essência resulta da articulação entre pensamento e palavra, e Lacan nos ensinou que "pensamos com a ajuda das palavras"³.

O ser do sujeito está do lado do enunciado, do dito (do lado do sintoma), e o *falasser*, que implica o sujeito que fala mais que o corpo que goza, está do lado da enunciação, do dizer, daquilo que não é dito (do lado do *sinthoma*).

A partir dessa enunciação, a psicanálise revela o fato de que para além da demanda de análise de um indivíduo que chega ao analista com o seu sofrimento e sua queixa, há um sujeito do inconsciente. O analista deve estar advertido

para a demanda que a ele é dirigida, pois, a autenticidade dessa demanda é a condição única para a realização de uma experiência de análise.

A experiência analítica a priori não tem nenhuma contra-indicação, desde que o sintoma através do qual o sujeito demanda a análise possa ser isolado e formalizado pelo analista num sintoma analítico, para poder se instalar verdadeiramente a transferência (SsS - Sujeito suposto Saber - saber que não se demonstra) como "motor do tratamento" e a análise poder começar.

A regra fundamental da psicanálise é a "associação livre". Ela não implica uma imposição de dizer a verdade toda, verdade concebida e distinguida nos diferentes campos do conhecimento e que vai encontrar no direito a sua imposição jurídica: dizer a verdade somente a verdade. No campo da psicanálise o que nos interessa com a associação livre é a injunção analítica de dizer o que vier à cabeça, nem o verdadeiro e nem o real.

Mas a psicanálise se dirige a um sujeito de pleno direito que pode responder pelo que faz e pelo que diz para fazer valer o seu desejo. Quando o sujeito demanda uma análise ele vem falar ao analista dos seus sintomas, consentindo em ser interpretado pelo analista. Dessa forma, a psicanálise oferece ao indivíduo a possibilidade de assumir a responsabilidade pelo seu desejo, permitindo que ele reencontre a sua medida junto a um analista. Este dará à sua fala uma pontuação dialética, uma interpretação equívoca, um corte como uma interrupção que não lhe comunique nenhum sentido para não incorrer no perigo de aliená-lo; abordagem ética que faz aparecer o sujeito de direito, responsável por suas ações.

A psicanálise transmite o respeito pela diferença e pelo que há de mais particular em cada sujeito, uma questão tão séria que na Itália a garantia plena do direito de cidadania ao denominado doente mental está enunciada com o

propósito de que o tratamento não seja o seu passaporte para a exclusão social.

A psicanálise considera o conceito de responsabilidade essencial na distribuição entre a saúde mental, ordem pública e psicanálise, na medida em que a doença mental pode conduzir à suspensão o sujeito do direito.

Nesse sentido, a psicanálise prevê a articulação com projetos de tratamento cuja perspectiva no horizonte seja solucionar a reintegração social do indivíduo, mas também, e principalmente, escutá-lo para verificar o que o impede de assumir a responsabilidade por suas ações. Ela é irreduzível quanto à questão da responsabilidade, afirmando que o homem é sempre responsável por sua posição de sujeito, e que o erro da boa fé é, entre os psicanalistas, de todos o mais imperdoável⁴.

A psicanálise é uma "práxis" que opera em direção ao real (ao núcleo de gozo do *fallasser*), utilizando-se do simbólico. O que quer dizer que, no momento em que o gozo se inscreve em um corpo, se deve procurar o significante que o produziu.

A psicanálise toca o singular do sujeito, a sua singularidade subjetiva máxima, na direção do que é mais íntimo na existência de cada um e que resiste a qualquer tentativa terapêutica. É o que Lacan no seu último ensino denominou de *sinthoma*.

Essa lógica do um a um e da singularidade do sujeito põe em jogo o vazio e o gozo mais além dos significantes mestres que fazem a Lei para cada um.

Quando alguém vem à análise é porque tropeçou na pedra, em algo que apareceu no seu caminho, o que nos confirma a distância da psicanálise com as questões da saúde, do mental e da possível harmonia que eles possam alcançar.

A psicanálise trabalha com o inconsciente concebido por Freud como "um processo psíquico cuja existência somos

obrigados a supor porque conseguimos captar os seus efeitos, mas dele mesmo, nada sabemos"⁵. Já o mental, Freud o concebeu como "um órgão necessário à adequação da psique ao mundo: ver, pensar, lembrar, é o que permite aos animais viverem no seu meio"⁶. O homem transcende os limites do mental devido à existência da linguagem.

A constatação de que a psicanálise não lida com o mental, não impede que ela se coloque ao lado dos trabalhadores no campo da saúde mental para contribuir e marcar, com a sua prática e a sua ética não universalista, a sua relevância, e galgar mais espaços visando o resgate das diferenças que cada sujeito apresenta na construção do particular do seu sintoma.

Nessa direção a psicanálise acompanha o avanço da ciência e as mudanças que afetam a nosografia, a semiologia, a terapêutica psiquiátrica, a psicopatologia, a ética, segura de que a ideia de causalidade biológica não exclui a noção de causalidade psíquica.

No debate com as neurociências, ela deve pôr o acento na dimensão do sujeito e no parasitismo da linguagem que preexiste a ele. Na conferência de Genebra, Lacan diz: "é sempre com a ajuda das palavras que o homem pensa, e é no encontro dessas palavras com o seu corpo que alguma coisa se esboça"⁷. E. Laurent complementa: é nos encontros contingentes do corpo e seu gozo com o parasita da linguagem, que se consegue fazer as invenções sintomáticas⁸.

A psicanálise reconhece a existência e a importância dos neurotransmissores, advertida de que eles não contestam o inconsciente, a fantasia, as pulsões, e nem tampouco a estrutura significante. Ela também não nega a importância e a eficácia dos medicamentos, mas considera de grande gravidade fechar os olhos às nuances da clínica refinada dos sintomas.

O saber da psicanálise não é regulamentado e nem encaixado no poder. Ele está alicerçado em uma lógica e em princípios essencialmente distintos do saber universitário, no qual se prioriza a lógica da argumentação, a demonstração, o culto à inteligência, o talento, a formação intelectual.

O saber da psicanálise não se sedimenta, é um saber inquietante, um desafio, um saber que, por não ser constituído, precisa sempre ser revisto. É um saber suposto, que não se pode demonstrar fundamentado na experiência analítica, saber simbólico que não se demonstra no real.

A psicanálise é uma área de saber essencialmente distinta de outros campos dos saberes: médico, científico, e fundamentalmente o denominado saber absoluto hegeliano. É um saber inconsciente no qual prevalece o não sabido, a douda ignorância, o que não a impede de lidar com um saber acumulado, o saber extensional que se pode ordenar e oferecer na vertente universitária do discurso analítico, sabendo-se que nela não se pode receber a garantia de sua formação.

Como correlato do discurso universitário, a psicanálise dispõe de uma forma de transmissão criada por Lacan na via do matema, que exige demonstração, justeza, logicidade, ou seja, apoio em um sistema científico de raciocínio. Essa possibilidade de matemizar a experiência analítica representa um ponto de convergência entre os dois discursos, mas dele se distancia quando exige uma amarração à experiência clínica, inviabilizando qualquer tentativa de padronização.

A transmissão do seu saber ocorre à margem do ensino universitário, onde se motiva e se produz pela via do trabalho de transferência, o que quer dizer, atrelado à experiência de análise. Mesmo a transmissão via extensão

tem a sua razão na intensão que é, como já foi dito, a teoria da experiência analítica.

As relações universitárias são sustentadas pelo saber na via do mestre, através de uma fala homogênea e universal, no eterno prosseguir de uma tradição, e uma certeza categórica por vezes inibidora do avanço de novas ideias⁹.

O discurso da psicanálise toca o sujeito um por um, e o pensamento analítico escapa aos limites da lógica cartesiana, visto que o ser de Descartes é ôntico, é o ser do enunciado, do dito, o que tenta recalcar o dizer, enquanto o sujeito da psicanálise é ético, é o sujeito da enunciação, do dizer o que não foi dito.

Nesse sentido Miller insiste em dizer que, no ensino de Lacan, o efeito maior da experiência analítica não é o do tratamento e nem o da formação, mas o da "revelação ontológica no que concerne ao ser de sujeito, porquanto o que precipita um sujeito para a análise é a busca de esse ser, é a pergunta: quem sou eu?"¹⁰.

A experiência analítica de cada um e a sua elaboração convoca a um saber subjetivo que propicia uma transmissão sob distintas modalidades: conversação, conferência, seminário, textos escritos e outros, através de parcerias que se estabelece com diferentes áreas do conhecimento: medicina, biologia, filosofia, física, religião, antropologia, lógica, linguística, topologia.

Na última etapa do seu ensino Lacan adentra na topologia, que subverte o espaço comum de representação permitindo que o passado e o presente se mantenham em continuidade pela via da associação livre e em curto espaço de tempo. Também a interpretação pela via do corte permite que se faça um correlato com a Banda de Moebius, uma figura topológica que se obtém pela torção de uma tira de papel retangular e a união de suas pontas. A partir daí, o avesso e o direito dessa tira de papel passam a se encontrar em

continuidade, ou seja, o direito e o avesso estão contidos um no outro. Quando a interrupção de uma análise se dá pela via do corte no ponto onde se dá o cruzamento entre o que não se pensa e o que se diz, é do mesmo estatuto do que ocorre com a passagem do avesso para o direito na Banda de Moebius. Não há finalização do trajeto e isto é o que vai permitir que, na passagem pelo local onde se deu a torção ou a interrupção da análise, se descortine um desejo muitas vezes mascarado no próprio dizer.

Interpretar na experiência analítica é ler de outro modo, e o analista é aquele que é suposto saber ler desse outro modo. Por isso é preciso que o analista se vincule com a transferência analítica para ter efeitos, e com a transferência de trabalho para teorizar esses efeitos¹¹.

Os atos falhos, chistes, lapsos, sonhos e sintomas, são um modo inconsciente de dizer algo bem particular a cada ser humano.

Quando Freud formulou as regras fundamentais da associação livre, e a obrigatoriedade do psicanalista passar pela experiência analítica, o fez no intuito de garantir a independência da psicanálise e marcar a diferença entre a sua formação e a formação em medicina, para desse modo assegurar o seu direito de exercício fora da esfera da medicina. No final de sua trajetória recusou-se a entregar o futuro da psicanálise à profissão médica¹².

No século XXI o desafio parte de uma clínica que não crê mais na transmissão do ideal pela via da universalidade do pai e da sua função significante. Hoje ela está apoiada na forclusão generalizada, ou seja, em torno de uma falta que estrutura a vida de todo ser habitado pela linguagem, tentando complementá-la.

A neurose e a psicose passam a ser mecanismos de defesa frente ao vazio. Em "De uma questão preliminar..." Lacan já dizia que o ser do homem não seria o ser do homem se não trouxesse em si a loucura, já que somos todos

habitados pela linguagem, estruturados na falta que é generalizada¹³.

O neurótico é louco porque cria a sua fantasia tentando dar um sentido à vida, enquanto o psicótico simplesmente fala sem se preocupar com o sentido porque não tem um ponto de basta, um ponto estruturante que possa lhe servir de apoio.

A psicanálise vive a época do sintoma mudo, paralisado pelo curto-circuito da satisfação imediata. Os abalos da função paterna e da perda dos ideais trazem como consequência o esfacelamento dos laços sociais e o surgimento de novos sintomas, que provocam novas formas de mal-estar expressos na segregação, exclusão, racismo, fracasso escolar, acidentes de trabalho, desemprego, consumo desenfreado de drogas, de gadgets, levando a um excesso de gozo que determina as bases de um novo laço social.

Além de tudo isso, se registra o crescimento em larga escala das passagens ao ato, ou mais propriamente falando das patologias do ato de jovens que assassinam os próprios pais, o aumento de casos de toxicomania, anorexia, bulimia, lesões psicossomáticas, entre outros são sintomas que revelam a insuficiência da função simbólica do pai para dar conta do real em jogo na experiência humana.

Na posição de cidadão, o psicanalista hoje se confronta, se debate, se vê premido a intervir na comunidade para trabalhar esses sintomas que brotam, florescem e, como uma avalanche, irrompem no meio social descaracterizando, negando o particular de um sujeito em prol de uma atitude universalizante.

A psicanálise não pode mais se omitir dos debates da coletividade sob o risco de deixar-se levar pela lógica dominante, o que não condiz em nada com os propósitos efetivos da psicanálise e daqueles que nela acreditam. A renúncia ao gozo apregoada por Freud como um empuxo à

civilização no mundo contemporâneo, contraria a injunção desse processo, pois a própria civilização cria um mar de gozo no qual se cristaliza o sintoma.

Os psicanalistas estão advertidos de que a proposta cotidiana de vida no século XXI é a de tentar tamponar o vazio com todos os gadgets e lazeres de uma cultura profusa, que vai da inércia frente à televisão às leituras ofertadas pela internet, e tudo mais que objetiva atordoar uma vida com assunto suficiente para esquecer a existência, a morte e o sentido particular de sua própria vida¹⁴.

Diante dessas mudanças é preciso colocar o acento na singularidade de cada estrutura, reintroduzir a dimensão do sujeito no um a um, e introduzir essa mesma dimensão no marco social e institucional para assegurar-lhe as condições de abordagem clínica.

A psicanálise está segura de que o encontro com o analista indica uma nova proposta de vida quando permite afrouxar as exigências ideais perseguidas pelo sujeito, reintroduzi-lo na dialética do seu próprio desejo, garantindo a dimensão do sujeito e a sua posição ética e subjetiva no mundo. Ela deve se manter nesse caminho exercendo a sua preciosa e brava experiência na sociedade.

¹ Miller, J.-A. (2011). Curso de Orientação lacaniana III, 13. Aula de 2 de fevereiro de 2011. Inédito

² Idem. *Ibidem*.

³ Lacan, J. (1998[1965-1966]). "A ciência e a verdade". In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 879.

⁴ Idem. *Ibidem*, p. 873.

⁵ Freud, S. (1976[1915]). "Artigos sobre metapsicologia". In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora.

⁶ Idem. *Ibidem*.

⁷ Lacan, J. (1998[1975]). "Conferência em Genebra sobre o sintoma". In *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise* (23). São Paulo: Edições Eolia, pp. 6-17.

⁸ Laurent, E. (1998[1975]). "A Extensão do Sintoma Hoje". In *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise* (23). São Paulo: Edições Eolia, pp. 17-21.

⁹ Lacan, J. (1998[1953]). "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise". In *Escritos. Op. cit.*, p. 259.

¹⁰ Miller, J.-A. (2011). *Op. cit.*

¹¹ Lacan, J. (1998[1953]). *Op. cit.*, p. 296.

¹² Freud, S. (1976(1919[1918])). "Linhas de progresso na terapia psicanalítica". In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XVII. *Op. cit.*

¹³ Lacan, J. (1998[1965-1966]). "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose". In *Escritos. Op. cit.*, p. 581.

¹⁴ Idem. (1998[1953]). *Op. cit.*, p. 283.